

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Sexualidade e orientação sexual

Cybele Maria Rabelo Ramalho

“O sexo é um grande mistério” (Henry Muller)

Introdução

O objetivo deste texto é orientar e instruir o professor no tema da sexualidade e em especial na questão da orientação sexual, do ponto de vista teórico e prático. Mas, falar em sexualidade implica em falar de desenvolvimento, revisitar a Psicologia do Desenvolvimento humano, que começa com a infância. Por isto, neste vasto tema, vamos tratar inicialmente da sexualidade infantil e adolescente, de modo que orientaremos o professor para lidar com situações e questões práticas. Em seguida, nosso enfoque será mais teórico, pois apresentaremos duas diferentes teorias tratando de orientação sexual: a Psicanálise e o Psicodrama. Finalmente, abordaremos o tema da sexualidade na interface com as questões de gênero e o enfoque desta questão no Estado de Sergipe.

Nesta breve introdução, nos preocupamos em oferecer uma orientação mais direta ao professor que vai lidar com educação sexual no sentido mais amplo. Para tal, colocamos alguns pontos importantes sobre como lidar com os temas mais emergentes da sexualidade infantil e adolescente. Falar de orientação sexual é falar de diversidade, como um processo que se inicia muito cedo no desenvolvimento humano.

Foi Sigmund Freud, o pai da Psicanálise, quem mais descreveu a sexualidade infantil, escandalizando a sociedade da sua época, início do século 20. Desde então, muito se estudou sobre este assunto e principalmente, mais recentemente, com a inclusão da educação sexual nas escolas. As crianças sofrem cada vez mais a influência da mídia, da TV, de amigos, de parentes, de babás e empregadas, muitas vezes introjetando noções falsas e prejudiciais. Caberá a pais e professores manter um canal aberto para dialogar com os filhos, podendo intervir no momento adequado. E no caso da educação sexual nas escolas, os professores freqüentemente têm dúvidas sobre o que responder e até onde responder às perguntas de seus alunos. É importante, primeiramente, que o professor se remeta às suas próprias dúvidas a este respeito quando ainda eram crianças, para entender a curiosidade de seus alunos.

A sexualidade é um processo natural nos seres humanos, uma função como tantas outras, que tem aspectos biológicos e psicológicos, sociais e culturais. O tema da sexualidade, no entanto, não é um conteúdo científico qualquer, ele é repleto de noções preconceituosas. Portanto, o professor deve estar atento aos seus próprios preconceitos ao tratar deste conteúdo.

Desde muito cedo a criança aprende a andar, falar, mas não aprende a lidar com seus órgãos sexuais, ficando com a sensação de que faltam pedaços em seu corpo. São elogiados olhos, pernas, cabelos, etc., mas não se fala em órgãos sexuais. No entanto, a educação sexual e a compreensão da diversidade sexual é um processo da vida inteira:

teremos tempo de melhorar o que não conseguirmos explicar da forma como gostaríamos. Mas, conceitos mal apreendidos, podem ter seqüelas graves no comportamento.

Não é fácil para pais e educadores tratarem do assunto, pois não foram educados desta forma em sua infância. Assumindo ou não a tarefa de orientar os alunos, conversando ou não com eles, estaremos fornecendo um tipo de educação ou visão sexual. Dependendo da atitude dos pais e educadores, as crianças aprendem se sexo é bonito ou feio, certo ou errado, conversável ou não.

Dizia-se às crianças que elas teriam vindo ao mundo trazidas pela “cegonha”, ou que haviam sido compradas no hospital. Hoje, sabemos que não há necessidade de mentir, mesmo porque elas são muito mais espertas, recebem informações de várias fontes. O melhor é falar a verdade, introduzindo neste momento palavras científicas (como por exemplo, pênis, vagina, orgasmo), mostrando a seriedade do assunto, evitando assim gozações, malícia, palavras de duplo sentido.

Inicialmente, como as dúvidas das crianças dizem respeito às diferenças anatômicas entre os sexos e ao nascimento propriamente dito, as aulas de educação sexual podem se iniciar por aí: fazendo um levantamento sobre as principais dúvidas do seu grupo classe sobre sexualidade. O professor poderá levantar estes questionamentos e organizar suas aulas a partir das necessidades dos seus alunos. As crianças constroem suas próprias teorias sexuais, suas hipóteses acerca de como os bebês chegam às barrigas de suas mães, etc. Aos poucos, estas teorias vão sendo questionadas e surgem então as dúvidas a respeito de como são produzidos, enfim, os bebês.

Com crianças bem menores, as respostas dos professores devem ser simples e claras, não havendo necessidade de responder além do que lhe for perguntado. Fornecer respostas insuficientes faz com que a criança pergunte mais e mais ou, ainda, que vá procurar as respostas em outras fontes, nem sempre confiáveis; por outro lado, fornecer respostas extensas demais, do tipo “aula completa”, com termos muito difíceis, também não é indicado; é preciso buscar respostas de acordo com o que a criança for solicitando. É importante ficar claro o que exatamente ela gostaria de saber, para que a medida da resposta seja suficiente. A própria criança dará os sinais do momento mais adequado de saber cada assunto.

Alguns professores podem argumentar que não receberam educação sexual alguma e, no entanto, estão muito bem. Contrariando preconceitos, pesquisas mostram que crianças esclarecidas tendem a ser mais responsáveis e a adiar o início de sua vida sexual (até porque sua curiosidade foi devidamente saciada) até que amadureçam, e possam, por exemplo, a fazer uso de anticoncepcionais na adolescência e a escolher os parceiros com maiores critérios.

Existem vantagens em conversar com as crianças sobre sexo desde as primeiras dúvidas, pois possibilitam aumentar a intimidade e a afetividade entre professores e alunos, desenvolvendo uma relação de confiança e caminhos para que se possa conversar

sobre tudo. Outras vantagens são: informar corretamente, reduzindo as fantasias e a ansiedade delas decorrente; reduzir os preconceitos para com a diversidade sexual e, por fim, prevenir futura gravidez indesejável e contaminações por doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis e a AIDS, entre outras.

Muito importante será a atitude do professor ao ministrar aulas sobre sexualidade: o tom de sua voz, a segurança nas informações, o fato de estar ou não à vontade, tudo isto é captado pelo aluno também sob a forma de informação. Não é necessário ser um especialista, mas ser acessível. À criança de menos de cinco anos, é preciso ser mais claro e preciso, já as crianças maiores podem compreender uma informação mais elaborada.

Alguns temas são mais difíceis do que outros para determinados professores, que devem se questionar até que ponto “aquele” tema se torna difícil porque lhe remete à sua vida pessoal. O tema do abuso sexual, por exemplo, é um assunto que geralmente gera desconforto, mas é fundamental que seja abordado nos dias de hoje nas escolas, em que vemos os mais assustadores casos dentro e fora da família. O abuso geralmente é cometido por adulto pervertido ou criança mais velha, que em geral já foi abusada sexualmente.

Para proteger os alunos de abuso sexual, é preciso transmitir a eles a noção de que sexo não é feito entre criança e adulto ou criança mais velha, mas entre adulto e adulto, e que o amor melhora tudo, porque torna o sexo mais completo, com vínculo afetivo e com respeito.

Segundo pesquisas recentes, há alguns sinais mais claros de que houve abuso sexual com uma criança que são: a hiper-excitação sexual; os pedidos à mãe ou professora para que brinque com seu órgão genital, ou ao irmão ou coleguinha que coloque a boca em seu pênis/vagina; a apatia generalizada, somados a sinais de medo. No caso do professor perceber que a criança apresenta medo ou alguns destes sintomas ou sinais acima, é preciso garantir-lhe proteção e não castigo. É preciso chamar o psicólogo ou orientador da escola e orientar os pais.

Devemos, enquanto educadores, incluir sempre o afeto ao passar estas informações às crianças. Às vezes, o professor pode ficar tímido ao falar do tema sexual, passando a ministrar uma aula de sexualidade como se fosse de Biologia, acabando por demonstrar seus preconceitos. O aluno já recebe muitas informações que banalizam o sexo através da mídia, em que revistas, filmes, programas e outros apelos sexuais, que estão cada vez mais em evidência. Aos poucos, com a orientação do professor, vai se tornando possível esclarecer que pode haver vida sexual sem necessariamente gerar filhos, mas associada à responsabilidade e afeto.

Falar de sexualidade é falar da própria vida e nos remete a outros temas correlatos. Por exemplo: se uma criança afirma para sua professora que ainda dorme na cama dos pais, informamos a ela que é absolutamente contra-indicado; mas devemos esclarecer também aos pais que a cama dos mesmos pode ser o lugar perfeito para gostosas brincadeiras antes de dormir, ou ainda quando a família acorda pela manhã, mas não é reco-

mendável que o filho “tome o lugar” de um dos pais ausente à cama. Devemos explicar aos pais que isto erotiza a criança de forma inadequada. Ou seja, elas criam fantasias precoces que não são benéficas ao desenvolvimento emocional. Por outro lado, o professor pode enfatizar a noção de privacidade aos seus alunos. Se a criança alegar medo, é preferível que um dos pais vá até a cama dela e a tranquilize, voltando à sua cama em seguida.

Outro ponto que pode surgir é sobre a nudez dos pais na frente da criança. Cabe ao professor buscar proceder da maneira mais espontânea possível, permitindo à criança a percepção das diferenças entre os sexos, usando o bom senso e a honestidade. A curiosidade diminuirá com o tempo e, a partir dos seis ou sete anos, a criança naturalmente começará a ter pudor. O fundamental é ficar claro que a naturalidade permite uma visão saudável da sexualidade.

Deve o educador explicar aos seus alunos que o desenvolvimento da sexualidade humana começa com o contato físico, quando os bebês são segurados e acariciados pelas mães ou substitutas. Os órgãos dos sentidos têm íntima relação com o centro sexual do cérebro e, por isto, a sucção (do seio materno, por exemplo), ou o contato da pele provocam excitação nas crianças. Isto é necessário e natural que aconteça. Não se deve privar o bebê de contatos corporais, o que não prejudicará, nem tampouco estimulará inadequadamente a criança.

A auto-exploração ou masturbação é outra experiência fundamental para a sexualidade saudável, se não houver muito exagero. A criança desde cedo aprende a brincar e a extrair prazer de seu próprio corpo, e isto faz parte de seu desenvolvimento, tanto quanto engatinhar, andar ou falar. A experiência da auto-exploração só trará prejuízos se for punida, ou se a criança sentir-se culpada por esta atividade natural. Cabe aos pais e educadores ignorar ou manifestar compreender o prazer que ela tira daquela experiência. Esta é apenas mais uma fase e, como tal, tende a dar lugar a outras.

Se a criança se masturbar na frente de outras pessoas na escola, e o professor achar inadequado, deve dizer que entende ser gostoso, mas que aquele não é o local certo, ensinando-lhe a noção de privacidade, mostrando os limites entre o que é público do que é privado. A masturbação infantil só é considerada problema quando é constante e frequente. Neste caso, pode ser sintoma de dificuldades emocionais e pode servir de canalização da energia fora da aprendizagem. Mas, o professor deve evitar chamar a atenção da criança na frente da turma e conversar individualmente com o aluno. Quando a situação persistir, deve-se conversar com os pais e/ou encaminhar a um psicólogo, para avaliar e tratar a criança.

Quanto à implicação de gênero, a atitude de separar na escola os meninos das meninas, colocando-os em grupos diferentes, estereotipando os papéis, também traz sérias implicações. É importante demonstrar que é igual o direito ao prazer, e não reforçar que as meninas devem ser passivas, receptivas e educadas para a submissão; e os meninos, ativos, aventureiros. Assim, contribuímos para que as meninas se tornem presas fáceis

de abusadores sexuais; por sua vez, os meninos precisam ter espaço para demonstrar suas emoções e fragilidades, sua afetividade, o que os prepara para serem pais afetivos e adultos emocionalmente mais saudáveis.

Os jogos sexuais infantis são importantes para a criança desenvolver uma sexualidade saudável, conhecer seu corpo e diferenciar o seu do outro. Os jogos sexuais têm para a criança um sentido diferente daquele dado pelo adulto, mas jamais deve acontecer entre crianças de idades diferentes, para que não haja coerção ou abusos.

O aprendizado de palavrões é um fato comum entre as crianças, a partir de quatro ou cinco anos. Em geral, repetem o que percebem ser proibido, embora inicialmente não tenham a mínima idéia de seu significado. Em geral, caberá ao educador esclarecer seu significado e isto ajuda a criança a deixá-lo de lado. Ensinar a criança que não é preciso imitar comportamentos inadequados desde pequena é extremamente importante, até para que futuramente ela não se sinta tentada, por coerção de grupos, a mostrar comportamentos que não sejam de sua livre e espontânea vontade, como fazer uso de cigarros, drogas, etc.

Os meios de comunicação, que bombardeiam com programas de baixa qualidade, com músicas e danças erotizantes, são hoje um grande impasse na educação. Como evitar que a criança seja vítima desta superexposição inadequada do sexo e que, assim, se sexualize precocemente? O mais importante é o educador lhes oferecer outras opções de entretenimento, atividade e lazer. E ministrar aulas sobre temas interessantes, que estejam de acordo com a sua faixa etária. Estas medidas, se não evitam, ajudam a formar uma educação sexual mais adequada, garantindo-lhes, no mínimo, uma maior proteção. É preciso ainda que os professores fiquem atentos às mensagens contraditórias: não estimular excessivamente as crianças no sentido do amadurecimento precoce, pois elas podem perder o interesse por brincadeiras infantis, passando a imitar comportamentos mais sexualizados, adequados a “mocinhas e rapazes”.

A educação sexual na adolescência também, a exemplo da educação infantil, deve seguir os interesses dos adolescentes, ou seja, tratar dos temas por eles escolhidos. O professor tem conhecimento de que a adolescência, período de vida compreendido aproximadamente entre 10 e 20 anos, é uma fase bastante conturbada pelas modificações hormonais, físicas e emocionais.

Tais transformações estão preparando a criança para assumir um novo papel perante a família e a sociedade, amadurecer e ficar apta para usufruir sua sexualidade, firmando sua identidade sexual.

A fase inicial, onde há mais modificações no corpo, chama-se de puberdade. Ocorre na puberdade a primeira menstruação das meninas (menarca), as poluções masculinas (ejaculações espontâneas sem coito), o crescimento de pêlos no corpo, a mudança de voz nos rapazes, o amadurecimento da genitália, com aumento do tamanho do pênis e dos seios, entre outros.

No sentido psicológico, a puberdade é a fase mais delicada, pois uma crise de identidade se apresenta, sendo muito frequente as contradições emocionais e sentimentais, bruscas alterações de humor, dificuldades na construção da auto-imagem e na auto-estima, buscas de identificações, etc.

A educação sexual dos adolescentes, por sua vez, implica em colocar o professor para tratar de alguns temas práticos em sala de aula, que nem sempre são encontrados nos manuais de sexologia, como a diversidade de orientação sexual, a gravidez precoce, o ficar, a primeira relação sexual, etc. Veremos abaixo um pouco de orientação sobre estes temas.

Quanto ao tema das diversidades de orientação sexual, é preciso esclarecer ao jovem que, antigamente, acreditava-se que todo ser humano deveria ser heterossexual e que a homossexualidade e a bissexualidade eram considerados doenças. Na década de 70, foram realizados pesquisas e inúmeros experimentos científicos quanto ao tema da diversidade sexual. Através desses experimentos e de estudos históricos, ficou comprovado que a homossexualidade sempre existiu desde o início da humanidade e que existe em percentual de 20 % em todas as espécies (LINS, 1997).

Orientação sexual é o nome dado à atração sexual que um indivíduo sente por outro, independente do sexo que esse possui, podendo ser: assexual, quando não sente atração sexual por nenhum gênero (sexo feminino ou masculino); bissexual, quando sente atração pelos dois gêneros; heterossexual, quando sente atração somente pelo gênero oposto; homossexual, quando sente atração por indivíduos do mesmo gênero; e pansexual, quando sente atração por diferentes gêneros.

Apesar de inúmeras hipóteses e de milhares de estudos terem sido realizados com o intuito de descobrir a origem da homossexualidade, por exemplo, não se tem uma comprovação determinista de como ocorre, sendo o resultado de múltiplos fatores.

Apesar de várias teorias psicológicas dedicarem-se ao estudo do assunto, como veremos mais adiante neste texto, a orientação e a diversidade sexual de indivíduos ainda é um tema bastante polêmico. Pois, o senso comum associa o sexo somente à reprodução e esse motivo justificaria a relação heterossexual como sendo a “correta”. Em contrapartida, levando tal associação a ser estudada, pode-se concluir que essa é, no mínimo, contraditória, pois a maioria das relações sexuais entre pessoas do sexo oposto são protegidas, com diversos meios contraceptivos, com o intuito de impedir a reprodução e visam, basicamente, o prazer (LINS, 1997).

É importante ressaltar para o adolescente que não se faz a apologia a nenhum tipo de orientação sexual, mas sim à preservação dos direitos humanos e ao respeito às escolhas particulares de cada indivíduo. E que homossexualidade, por exemplo, não é uma doença.

A educação sexual busca ensinar e esclarecer questões relacionadas ao sexo, principalmente para informar e libertar de preconceitos e tabus sociais. Por outro lado, é importante discutir com o adolescente que a gravidez precoce provoca bruscas transformações fisiológicas, sociais e psicológicas. O professor deve esclarecer dúvidas sobre

o uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), funcionamento do organismo masculino e feminino, anticoncepcionais e gravidez.

Pois, o objetivo principal da educação sexual é preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, chamando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo e do seu estado emocional, para que não ocorram situações futuras indesejadas, como a contração de uma doença ou uma gravidez precoce e indesejada. Uma adolescente que engravida nesse período de transição corpórea, pode sofrer muitos problemas de saúde física (como anemia, parto prematuro, vulnerabilidade a infecções, hipertensão, inchaço, retenção de líquidos, eclampsia, convulsões e até mesmo a morte) e emocional (depressão, frustração, isolamento social, etc.). Quando uma adolescente engravida, a mudança de vida rápida exige grande adaptação e isso pode gerar conflitos, abandono ou evasão escolar.

Outro tema que povoa o imaginário adolescente e que pode surgir numa sala de aula é o “ficar”, pois esta opção é quase unanimidade entre os adolescentes. “Ficar” é uma expressão utilizada, mais ou menos a partir da década de oitenta, para nomear um tipo de relação na qual há troca de carinhos/carícias, mas que, diferentemente do namoro, não tem o compromisso com o outro como um fator fundamental; ou seja, não tem como pré-requisito conhecer anteriormente a pessoa, nem possui um tempo de duração definido.

Podem “ficar” em um intervalo de um único beijo, uma noite inteira, no período das férias, ou mesmo meses, sem, necessariamente, ter a obrigação de telefonar ou procurar depois, ou mesmo de ficar apenas com essa mesma pessoa e não assumir, oficialmente, um namoro. Pode-se estar apaixonado pelo “ficante”, ou unicamente sentir atração física por ele. Assim, “ficar” pode significar para os uns um ato de libertinagem, e em alguns casos isto pode ocorrer; mas, em outros, é um processo de pré-namoro, de liberdade de escolha.

Devido a esta ausência de regras bem definidas, sentimentos de confusão, incerteza, ansiedade, ou angústia, podem surgir, já que existe a possibilidade real de se apaixonar pelo “ficante”, sem que este compartilhe o mesmo sentimento. Ou vê-lo com outra pessoa, sem ter o direito de cobrar exclusividade ou uma atenção a mais. A cobrança, por outro lado, é um fator que pode fazer com que o outro deseje parar de ficar com aquela pessoa. Uma relação com um “ficante” pode gerar um conflito emocional mais ou menos grave, dependendo da estrutura emocional do adolescente. Apesar do sofrimento de alguns, este tipo de relação, se for saudável, representa, para os jovens, o exercício da descoberta do outro, de seu corpo, da sua forma de amar, de um modo mais livre. É uma forma de se relacionar mais lúdica e desprovida de sentimentos de posse.

Uma dúvida freqüente entre os adolescentes é: qual a idade mais propícia para iniciar o sexo? O professor deverá orientar que, na verdade, começamos a nossa vida sexual na infância. Os bebês ainda na barriga da mãe se auto-estimulam, descobrindo sensações agradáveis. A masturbação (auto-estimulação sexual) é praticada por pessoas de todas as

idades. E é na infância, entre três e cinco anos, que se intensifica a descoberta dos genitais e de como são agradáveis de serem tocados. O sexo compartilhado com outra pessoa, por outro lado, ocorre normalmente mais tarde, quando o adolescente pode notar que o seu corpo começa a mudar e a despertar maior prazer. O jovem passa a notar os amigos do sexo oposto ao seu, interessando-se por eles, vai se comparar com os amigos de mesmo sexo para se certificar que tudo que está ocorrendo é parecido com eles.

A primeira “transa” (relação sexual) geralmente ocorre depois da puberdade, quando o corpo já está preparado para funcionar sexualmente a nível genital, com o amadurecimento do aparelho genital. Em média, nos Estados Unidos da América, a idade de início de atividade sexual com um parceiro é de aproximadamente 14 a 15 anos, para ambos os sexos. Em trabalhos recentes feitos no Brasil, a respeito desse tema, a média é aproximadamente igual (LINS, 1997).

Mas, não existe um momento exato para a primeira relação, é uma questão pessoal, varia de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. Sabe-se que as sensações sexuais, tão prazerosas, podem ser ainda mais agradáveis se compartilhadas com alguém. No entanto, há algumas conseqüências, como a gravidez indesejada e a transmissão de doenças, via contato sexual. É importante ao jovem estar informado a respeito de métodos contraceptivos (maneiras de como evitar uma gravidez), como a pílula, e métodos contra doenças, como o preservativo, para poder iniciar a vida sexual sem medo, sem arrependimentos e sem riscos. Aí, a influência da educação familiar, da educação religiosa e da sociedade onde vive vai ser importante; estes valores devem ser analisados em profundidade, para uma decisão consciente.

Voltando à questão de gênero, segundo as pesquisas da psicóloga Regina Navarro Lins (1997), lidar com a perda da virgindade para as garotas ainda é um pouco mais complicado do que para os rapazes. Na década de 70, ainda era vergonhoso se dizer que já tinha “transado”. Hoje, muitas jovens ficam com vergonha de dizer que são virgens ainda aos 18 anos e ficam ansiosas para “se livrar” logo dessa situação, sentida como embaraçosa. Podem acabar tendo suas relações sexuais sem estar preparadas, só por pressão do grupo social e para mostrar aos outros, sentirem incluídas no grupo de amigas. Segundo o resultado destas pesquisas, é considerado melhor, para homens e mulheres, poder ter a primeira “transa” com alguém com quem se sente bem e confiante, dentro de uma relação afetiva, mas com todas as medidas de segurança, sem medo de contrair doença e sem o risco de engravidar precocemente, sem se ter vontade.

Enfim, a jovem precisa avaliar também a sua condição emocional para a entrega sexual, avaliar seus valores morais e religiosos, antes de tomar a decisão. Deve também se preparar para conviver com as conseqüências, às vezes desagradáveis, de iniciar uma vida sexual adulta, precocemente: as idas freqüentes ao ginecologista, por exemplo, é uma responsabilidade que deverá assumir para manter a sua saúde, evitar doenças e gravidez.

Portanto, ao educador cabe alertar que a primeira relação sexual deve ser especial e um ato de responsabilidade consciente, mas não é recomendado esperar sentir todas as sensações da primeira vez.

O sexo é um aprendizado, que começa meio desajeitado, mas que vai se aperfeiçoando com a experiência.

Teoria sexual

A sexualidade, segundo a Psicanálise

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, desenvolveu uma ousada concepção da motivação humana, ao colocar o sexo como o principal e poderoso motivador do comportamento humano. O mundo civilizado e moralista se surpreendeu com a tese freudiana de que o sexo dominava o inconsciente e estava subjacente a todos os interesses humanos. Em 1905, ele publicou o livro “Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade”, onde expõe que a sexualidade se inicia logo após o nascimento, quando o instinto sexual se manifesta através de zonas erógenas que produzem prazer (FREUD, 1973).

A partir da Psicanálise, abordagem do sexo, sob um aspecto científico, em plena era da repressão sexual, permitiu que a sexualidade começasse a ser discutida em todos os ambientes. A teoria foi levada à aplicação em todos os campos das relações sociais, nas artes, na educação, na religião, etc. Porém, a questão da motivação sexual foi a principal causa de se afastarem do círculo de Freud aqueles que haviam inicialmente se entusiasmado pela Psicanálise, como método de análise do inconsciente, entre eles Carl Gustav Jung, Otto Rank e Alfred Adler, que fundaram suas próprias correntes psicanalíticas. No seu todo, a Psicanálise foi fortemente contestada por outras correntes, inclusive pela Fenomenologia-Existencial e pelo Psicodrama, que observaram que o sexo não está como o motivador principal do comportamento humano.

O pensamento de Freud está principalmente em três obras: “Interpretação dos Sonhos”, a mais conhecida, que publicou, em 1900; “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, publicada em 1901 e na qual apresenta os primeiros postulados da teoria psicanalítica, e “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, de 1905, que contem a exposição básica da sua teoria. Em “Mal Estar na Civilização”, publicado em 1930, Freud lança os conceitos de culturas neuróticas, além dos conceitos de projeção, sublimação, regressão e transferência. Em “Totem e Tabu” (1913/14) e “O Futuro de uma Ilusão” (1927) expõe sua posição sobre a religião. Os postulados da teoria freudiana são numerosos, e seu exame mais profundo demandaria muito tempo, mas aqui nos deteremos na sua teoria da sexualidade de modo breve.

Importância do instinto sexual

Freud (1973) observou que na maioria dos seus pacientes neuróticos existiam distúrbios e queixas de natureza hipocondríaca ou histérica, que estavam relacionados a sentimentos reprimidos com origem em experiências sexuais perturbadoras. Assim, ele formulou a hipótese de que a ansiedade, que se manifestava através dos sintomas (da neurose) era consequência da energia sexual reprimida (que chamou de libido). Esta energia reprimida tinha expressão nos vários sintomas neuróticos, que serviam como um mecanismo de defesa psicológica.

Essa força, o instinto ou pulsão sexual, não se apresentava consciente devido ao mecanismo de defesa da “repressão”, tornada também inconsciente. A revelação da “repressão” inconsciente era obtida na análise dos pacientes de Freud pelo método da Livre Associação e pela interpretação dos sonhos. O processo sintomático e terapêutico compreendia: experiência emocional de fundo sexual- recalque e esquecimento - neurose - análise pela técnica da livre associação - recordação - transferência - descarga emocional (catarse) - cura.

Freud buscou classificar a psique em três instâncias: o Id, o Superego e o Ego, no livro que publicou em 1923, “O Ego e o Id”. O Id, instância psíquica regida pelo “princípio do prazer”, tem a função de descarregar as tensões biológicas. É a reserva inconsciente dos desejos sexuais e agressivos, de impulsos de origem genética e voltados para a preservação e propagação da vida.

O Superego, que é gradualmente formado no Ego, se comporta como um vigilante moral. Contem os valores morais e atua como um juiz moral, pois é a instância vigilante e censora. Também inconsciente, o Superego faz a censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao Id, impedindo o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos, que em sua maioria são sexuais e agressivos.

Portanto, o Superego é a instância psíquica da repressão, particularmente da repressão sexual. Manifesta-se à consciência indiretamente, sob a forma da moral, como um conjunto de interdições e de deveres, e por meio da educação. O Superego também produz a imagem do “Eu ideal”, isto é, da pessoa moral, boa e virtuosa. O Superego ou censura moral desenvolve-se em um período que Freud designa como período de latência, situado entre os 6 ou 7 anos e no início da puberdade ou adolescência. Nesse período, forma-se nossa personalidade moral e social.

O Ego, por sua vez, corresponde à consciência, uma pequena parte da vida psíquica, subtraída aos desejos do Id e à repressão do Superego. Lida com a estimulação, que vem tanto da própria mente, como do mundo exterior. Racionaliza em favor do Id, mas ao contrário deste é governado pelo “princípio da realidade”, ou seja, a necessidade de encontrar objetos que possam satisfazer ao Id, mas sem transgredir as exigências do Superego.

É a parte perceptiva e a inteligência que devem, no adulto normal, conduzir todo o

comportamento e satisfazer simultaneamente as exigências do Id e do Superego, através de compromissos entre essas duas partes, sem que a pessoa se volte excessivamente para os prazeres ou que, ao contrário, imponha limitações exageradas à sua espontaneidade e gozo da vida.

Assim, o Ego pode entrar num processo de ansiedade, pois é pressionado por três lados: pelos desejos insaciáveis do Id, pela severidade repressiva do Superego e pelos perigos do mundo exterior. Se o Ego se submete ao Id, torna-se imoral e destrutivo; se ele se submete ao Superego, enlouquece de desespero, pois viverá numa insatisfação insuportável, preso aos excessos da moral; e se não se submeter à realidade do mundo, será destruído por ele.

Por esse motivo, a forma fundamental da existência para o Ego é a angústia existencial. Estamos divididos entre o princípio do prazer (que não conhece limites) e o princípio da realidade (que nos impõe limites externos e internos). O Ego tem a dupla função de, ao mesmo tempo, recalcar o Id, satisfazendo o Superego, e satisfazer o Id, limitando o poder do Superego. No indivíduo normal, essa dupla função é cumprida, mas nos neuróticos e psicóticos o Ego sucumbe, seja porque o Id ou o Superego são excessivamente fortes, seja porque o Ego é excessivamente fraco, entra em processo de dissociação.

Por estar sofrendo tanta pressão e ter como função articular estas forças contraditórias, o Ego lança mão dos seus mecanismos de defesa, de forma inconsciente. Entre eles temos a projeção, a negação, a racionalização, a agressão, etc.

Os mecanismos de defesa do Ego são processos inconscientes que permitem à mente encontrar uma solução para conflitos não resolvidos ao nível da consciência. A Psicanálise supõe a existência de forças mentais que se opõem umas às outras e que batalham entre si. Freud utilizou a expressão pela primeira vez no seu livro “As neuroses e psicoses de defesa”, de 1894.

Os mecanismos de defesa são aprendidos na família, ou no meio social externo a que a criança e o adolescente estão expostos. Quando esses mecanismos conseguem controlar as tensões, nenhum sintoma se desenvolve, apesar de que o efeito possa ser limitador das potencialidades do Ego, e empobrecedor da vida instintual. Mas, se falham em eliminar as tensões e se o material reprimido retorna à consciência, o Ego é forçado a multiplicar e intensificar seu esforço defensivo e exagerar o seu uso. É nestes casos que a loucura e os sintomas neuróticos, são formados.

Para a Psicanálise (FREUD, 1973), as psicoses significam uma severa falência do sistema defensivo, caracterizada também por uma preponderância de mecanismos primitivos. A diferença entre o estado neurótico e o psicótico seria, portanto, quantitativa, e não qualitativa. Os mecanismos de defesa do Ego mais importante são:

a) Repressão ou Recalque - que é afastar ou recalcar da consciência um afeto, uma idéia ou apelo do instinto. Um acontecimento que, por algum motivo, envergonha uma pessoa, pode ser completamente esquecido e se tornar não evocável, permanecer inconsci-

ente. Este é o mecanismo de defesa fundamental, que precede todos os demais.

b) Projeção - consiste em atribuir ao outro um desejo próprio, ou atribuir a alguém, algo que justifique a própria ação. Exemplos: o estudante cria o hábito de colar nas provas dizendo, para se justificar, que os outros colam ainda mais que ele; o estudante que não reconhece seus desejos homossexuais, mas acusa os colegas de serem homossexuais.

c) Regressão - é o retorno a atitudes passadas, que provaram ser seguras e gratificantes, e às quais a pessoa busca voltar, para fugir de um presente angustiante. Pode ser expresso por devaneios e memórias que se tornam recorrentes, repetitivas. Aplica-se também ao regresso a fases anteriores do desenvolvimento da sexualidade.

d) Sublimação - na nossa vida cotidiana, os valores morais e a ética pedem que renunciemos às gratificações puramente instintivas. A sublimação é a adoção de um comportamento ou de um interesse que possa enobrecer comportamentos que são instintivos na sua raiz, ou seja, transcendem ao instinto. Exemplo: um homem pode encontrar uma válvula para seus impulsos agressivos, tornando-se um lutador, jogador de futebol ou cirurgião. Para Freud as obras de arte, as ciências, a religião, a filosofia, as técnicas e as invenções, as instituições sociais e as ações políticas, a literatura e as obras teatrais são sublimações, ou modos de substituição do desejo sexual.

Porém, assim como a loucura é a impossibilidade do Ego para realizar sua dupla função (conciliação entre o Id e o Superego, e entre estes e a realidade), também a sublimação pode não ser alcançada e, em seu lugar, surgir uma perversão, uma loucura social ou coletiva. O nazismo é um exemplo de perversão coletiva, em vez de sublimação. A propaganda, que induz no leitor ou espectador desejos sexuais pela multiplicação das imagens de prazer, é outro exemplo de perversão ou de incapacidade para a sublimação.

O inconsciente, segundo S. Freud, é aquele estado mental onde estão os conteúdos reprimidos, que jamais serão conscientes facilmente e diretamente, podendo ser captados apenas indiretamente, pelos sonhos, por “atos falhos”, chistes, ou por meio de técnicas especiais de interpretação. Os chamados “atos falhos” são para Freud evidência da força, singularidade e individualismo do inconsciente: e sua manifestação é comum nas pessoas sadias. Mostram a luta do consciente com o subconsciente (parte do inconsciente que tem conteúdo evocável, acessível facilmente à consciência) e o inconsciente (conteúdo não evocável). São os lapsos de linguagem, popularmente ditos “trações da memória”.

Para explicar o comportamento humano Freud desenvolveu a teoria da motivação sexual (sobrevivência da espécie) e do instinto de conservação (sobrevivência individual). Mas, todas as suas colocações giram em torno do sexo, ou seja, a força que orienta o comportamento estaria no inconsciente e seria o instinto ou pulsão sexual, que ele chamou de libido.

Fases do desenvolvimento sexual, segundo Freud:

Freud desenvolveu uma teoria das fases do desenvolvimento afetivo e sexual do indivíduo, classificando em etapas: oral, anal, fálica, de latência e genital. Portanto, se o indivíduo adulto sofreu uma fixação em uma destas fases, terá desenvolvido um caráter oral, anal, fálico ou genital. Um adulto pode sofrer regressão a uma fase anterior, como pode sofrer fixação em qualquer das fases precoces (FREUD, 1973). Essas fases são ligadas ao desenvolvimento do Id:

Fase oral: de 0 a 18 meses, aproximadamente.

Nesta fase oral, ou fase da libido oral, ou hedonismo bucal, o desejo e o prazer localizam-se primordialmente na boca e na ingestão de alimentos. O seio materno, a mamadeira, a chupeta, os dedos, são objetos do prazer. O bebê é egocêntrico, narcisista e enxerga a mãe como uma extensão dele. Como se o mundo fosse ele ou que girasse ao redor dele. Temos aqui a dependência primária: precisamos literalmente da mãe para sobreviver física e emocionalmente, mas quem vai promover ou ajudar a romper com esse egocentrismo é a própria mãe.

A primeira separação que sofremos é com o nascimento. Saímos do nutrido, do calor e somos “expulsos”. Existem bebês que resistem a esse processo de separação, porque percebem que não são desejados. Assim, esses bebês possuem menor resistência física e/ou emocional, nascem com pouca espontaneidade, ou com pouca pulsão de vida. A segunda separação é quando o bebê começa a enxergar a mãe como “outra” pessoa. Ela é efetivada quando a mãe tem motivos para voltar aos outros papéis em sua vida: mulher, esposa, profissional, social. O processo de separação dá-se junto com o final da amamentação. Quando a mãe começa a substituir o peito, criança e mãe sentem muito.

Neste momento o bebê vivencia muito ódio, frustração, raiva, angústia, dor, ansiedade, impotência, uma fase depressiva. E a mãe sente ansiedade, angústia, com a possibilidade do bebê não precisar mais dela. Segundo a psicanalista Melaine Klein, nesta separação, a criança vive a cisão do seio em “seio bom” e “seio mau”. Exemplo: quando a mãe sai (seio mau), a ansiedade é muito grande. Se o bebê sabe que ela vai voltar, aprende a esperar. Mas, se ela demora demais, vive o sentimento de abandono e rejeição e se torna muito ansioso. Todavia, se também só o seio bom é ativado, traz a dependência pura ou simbiose. Todo esse processo é inconsciente e o Ego começa a se estruturar quando ocorre a separação mãe-filho.

Fase anal: de 18 meses a 3 anos e meio, aproximadamente.

Esta é a fase do controle dos esfíncteres. Aqui o bebê vai aprender sobre limites, através de dois movimentos: expulsão (doar, eliminar, excluir, separar) e retenção (segurar, controlar, guardar). Tem bebê que demora a reter e tem bebê que fica segurando (fica com prisão de ventre).

A fase anal, ou fase da libido ou hedonismo anal, é a fase onde o desejo se localiza primordialmente nas excreções de fezes. Brincar com massas e com tintas, amassar barro ou argila, comer coisas cremosas, sujar-se, são objetos do prazer. Neste momento, estamos aprendendo o equilíbrio em dar e receber, internalizando o “não”. Começou a ser introduzido na 1ª fase e aqui é introjetada a formação do Superego. Aqui se dá os primórdios do Complexo de Édipo, que descreveremos posteriormente. Assim, a criança vai aprender o que é autoridade. O desequilíbrio pode surgir como uma resistência a sair do narcisismo, do egóico, da dependência.

Fase fálica: aproximadamente de 3 a 6 anos.

Na fase fálica, ou fase da libido ou hedonismo genital, o desejo e o prazer localizam-se primordialmente nos órgãos genitais e nas partes do corpo que excitam tais órgãos. É a fase da masturbação infantil. Nesta, para os meninos, a mãe é o objeto do desejo e do prazer, enquanto que para as meninas, é o pai. Se tudo estiver acontecendo de forma funcional, a criança “entende” que a mãe tem um outro “objeto de desejo” que é o seu pai. Neste momento que vai acontecer a “triangulação” ou a questão “edipiana”.

Complexos de Édipo e Electra

Freud procurou na cultura grega elementos fundamentais para a construção de sua própria teoria. Determinando toda a vida psíquica, constatou o que chamou Complexo de Édipo, isto é, o desejo inconsciente incestuoso pelo genitor do sexo oposto e uma rivalidade pelo genitor do mesmo sexo. Segundo ele, é esse o desejo fundamental que organiza a totalidade da vida psíquica dos homens. Freud introduziu o conceito no seu livro “Interpretação dos Sonhos” (1900).

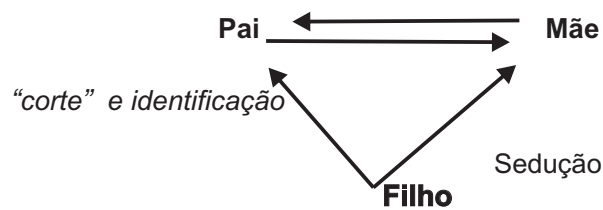
O termo deriva do herói mítico grego Édipo que, sem saber, matou seu pai e se casou com sua mãe. Freud atribui o complexo de Édipo às crianças de idade entre 4 e 6 anos. Afirmou que o estágio edipiano geralmente terminava quando a criança se identificava com o parente do mesmo sexo e reprimia seus instintos sexuais, na fase de latência. Se o relacionamento prévio com os pais fosse relativamente amável e não traumático, e se a atitude parental não fosse excessivamente proibitiva, nem excessivamente estimulante, esta fase edipiana seria ultrapassada harmoniosamente. Em presença de um trauma, no entanto, ocorreria uma neurose infantil.

O equivalente feminino do Complexo de Édipo é o Complexo de Electra, cuja lenda grega fundamental é a de Electra e seu irmão Orestes, filhos de Agamemnon e Clytemnestra. Electra ajudou o irmão a matar sua mãe e o amante dela. Neste complexo, a menina se apaixona inconscientemente pelo pai e se rivaliza com a mãe.

Freud considerou a reação contra o complexo de Édipo como a mais importante conquista social da mente humana. Psicanalistas posteriores, no entanto, consideram a

descrição de Freud imprecisa, apesar de conter algumas verdades parciais, não podendo ser generalizada para todas as culturas. Porém, é na fase fálica que, de algum modo, este complexo poderá emergir. Poderemos tentar compreendê-lo melhor nos diagramas que exemplificam situações abaixo:

Exemplos de Complexo de Édipo



O caso acima é um exemplo clássico: o menino, inconscientemente, “seduz” a mãe. Aqui acontece o primeiro choque entre pai e filho, pois o pai é quem faz o corte, mas para isto acontecer, depende da relação estabelecida entre o casal. Assim acontece a oficialização do pai internalizado e também a identificação masculina, ou seja, o menino quer ficar “poderoso” como o pai, para ter uma mulher como a que o seu pai tem. Nesta fase, é importante ter um pai tranqüilo e seguro do seu papel masculino e a existência de um casal saudável. Se essa mãe for viúva ou separada, por exemplo, um outro homem próximo (tio, avô, namorado da mãe), ou mesmo o seu trabalho fora de casa é que deve fazer o corte do seu vínculo simbiótico com o filho.

Um desequilíbrio ou uma não funcionalidade pode ocorrer, quando o filho vai seduzir a mãe, e ela gosta, porque seu marido não corresponde a seus desejos. Então, ela elege o filho como seu “parceiro” e o marido, por sua vez, não faz o corte entre essa mãe e o filho. Assim, a mulher “sobe” esse filho para o lugar de “marido” (substituindo a carência marital). Logo, o filho fica psicologicamente órfão de pai.

Num futuro, como hipótese, podemos verificar que esse filho pode ter muita dificuldade de relacionamento e de se entregar a outra mulher, ficando solteiro para cuidar da mãe. Pode acontecer também da mãe não desqualificar o pai, e aí ela fica com os dois homens (pai e filho). Esse filho pode casar, mas somente com uma mulher escolhida pela mãe, que não vai roubá-lo dela. Tem que ser uma mulher forte como a mãe, mas que, enquanto estiver viva, não a ameace; e que quando ela morrer, essa mulher cuide de seu filho, como ela cuidava. Esse homem que ficar com uma mulher não escolhida pela mãe, pode perder o desejo sexual ou ter pouco desejo por essa mulher, porque sente que está “traindo” a sua mãe.



No caso do diagrama acima, a primeira tendência é a mãe fazer do filho o seu “marido”. Ela desempenha dois papéis: de mulher do filho e de pai do filho, querendo ensiná-lo o papel de homem. O filho vai seduzir a mãe e, como não tem ninguém para fazer o corte (um homem, ou mesmo o trabalho da mãe), então, sobra para ele se identificar com o universo feminino, com a mãe. Poderá no futuro criar aí uma resistência por uma “outra” mulher, com um início de desejo homoerótico. Nesta caso, também pode acontecer dele ficar com raiva de mulher (e não ser homossexual), pode ter relações sexuais com elas, mas não se vincular profundamente.

Fase de Latência: aproximadamente dos 7 a 11 anos.

É o período de latência, fase em que a criança passa por uma forte repressão do pansexualismo infantil das fases anteriores e se volta para atividades sociais, culturais e desportivas. Até a memória de experiências sexuais de fases anteriores fica prejudicada, pela ação da censura moral do superego.

Para Freud, aqueles que se detém em seu desenvolvimento emocional, e por algum motivo se fixam em qualquer uma das fases transitórias acima descritas, constituem tipos de caráter nomeados segundo a fase correspondente de fixação. O caráter que se detém na fase oral é o Oral receptivo: pessoa dependente - espera que tudo lhe seja dado, sem qualquer reciprocidade; ou o Oral sádico, o que se decide a empregar a força e a astúcia para conseguir o que deseja. Explorador e agressivo, o caráter oral sádico não espera que alguém lhe dê voluntariamente qualquer coisa. O caráter que se detém na fase Anal é impulsivamente avaro, e sua segurança reside no isolamento. São pessoas ordenadas e metódicas, organizadas, parcimoniosas e obstinadas. Já o caráter genital corresponderia à pessoa plenamente desenvolvida e mais equilibrada.

O narcisismo é importante de ser compreendido quando nos referimos à sexualidade. Conta o mito grego que o jovem Narciso, belíssimo, nunca tinha visto sua própria imagem. Um dia, passeando por um bosque, encontrou um lago. Aproximou-se e viu nas águas um jovem de extraordinária beleza e pelo qual se apaixonou perdidamente. Desejava que o jovem saísse das águas e viesse ao seu encontro, mas como ele não saía do lago, Narciso mergulhou nas águas, à procura do outro que fugia, morrendo afogado. Narciso morreria de amor por si mesmo, ou melhor, de amor por sua própria imagem ou pela auto-imagem.

O narcisismo é visto como o encantamento e a paixão que sentimos por nossa própria imagem ou por nós mesmos, porque não conseguimos ainda diferenciar um do outro. Como crítica à sociedade contemporânea em geral, o narcisismo é a bela imagem

que os homens possuem de si mesmos, desenvolvendo um egocentrismo exagerado e um culto ao próprio corpo. Se Narciso representa o masculino num estágio primário e auto-erótico de desenvolvimento, a ausência de progressão, a ausência de relação com o outro, a regressão e a autodestruição, associado à insanidade mental pelos psicanalistas, já para o analista Carl Gustav Jung ele pode ter outra perspectiva.

Para Jung, o narcisismo não é apenas patológico, ele pode ter um sentido positivo: é a base do auto-conhecimento, sua atitude de introspecção, meditação e de contemplação são essenciais, sendo comum o narcisismo na adolescência. Pois, amar a si próprio é essencial para amar aos demais. A descoberta de si mesmo se dá através da reflexão da auto-imagem, pois o jovem precisa meditar e interagir com a fonte, com o “poço interior” – daí as muitas horas ao espelho, que observamos no comportamento do adolescente.

A sexualidade, segundo a teoria psicodramática

O Psicodrama foi criado e desenvolvido pelo médico romeno Jacob Levy Moreno (1889-1974), que postulou ser o homem movido pelo “instinto de relação”, sendo a sexualidade um dos seus instrumentos relacionais. Para ele, o transtorno sexual pertence a uma dificuldade relacional maior, que se manifesta como sexual. Neste texto, desenvolveremos para além da visão psicanalítica esta visão psicodinâmica - relacional - psicodramática da sexualidade, proposta pelo psicodramatista brasileiro Fonsêca Filho (2000).

Sabemos que, em uma relação sexual, o processo “amor x ódio” sempre está envolvido. A relação amorosa é compreendida a partir de uma relação sociométrica, em que existem escolhas recíprocas congruentes e incongruentes, em termos positivos, negativos e neutros. Essas escolhas geram diferentes reações nas pessoas envolvidas: prazer, alegria, tristeza, raiva, indiferença, etc.

A relação sexual é o contato físico mais íntimo entre duas pessoas, e contém grande potencial simbólico. Na relação sexual acontece forte intercâmbio bioquímico, metabólico e energético. A proximidade faz emergir potenciais conflitos de ambos os envolvidos, ou seja, vão aparecer as dificuldades psicológicas do casal e /ou de cada um em particular. Cada ser se mostra como é, como pessoa, no processo do envolvimento e da relação sexual. Mostra como ele se relaciona com os outros (as) específicos e como se relaciona com as pessoas em geral.

Segundo J. L. Moreno, o nosso Eu também surge e se constrói a partir dos papéis que desempenhamos na vida, que são: a) papéis psicossomáticos (a base biológica); b) papéis sociais (a base sócio-cultural); c) papéis psicológicos (os da fantasia ou da imaginação).

No que se refere ao papel sexual, este segue um esquema de desenvolvimento psicológico sexual. São posições, que não obedecem necessariamente uma ordem cronológica, mas têm um movimento dinâmico, em espiral e não linear: 1) Indiferenciação Sexual; 2) Relação-separação; 3) Eu sexual ideal; 4) Relações em corredor; 5) Reconhecimento

do Eu sexual; 6) Reconhecimento do Tu sexual; 7) Pré-inversão de papéis; 8) Triangulação sexual; 9) Circularização sexual; 10) Inversão de papéis sexual; 11) Encontro Sexual. Descreveremos a seguir as etapas deste esquema (FONSECA FILHO, 2000):

1) Indiferenciação Sexual : quando a criança nasce e vive a simbiose unilateral com a mãe, ela não é do sexo masculino nem feminino. Ela está misturada a uma mulher, que é a mãe ou sua substituta. No futuro, podem permanecer marcas desta dupla identidade, feminino-masculina, desta simbiose, quando por exemplo um adulto se questiona: -"Sou homem, ou mulher, ou quanto tenho de mulher?".

2) Relação-Separação: nesta fase a criança inicia o aprendizado da vinculação (relação-separação). Este aprendizado constitui o alicerce estrutural dos papéis envolvidos na relação amorosa. Aprende os pares de opostos essenciais da vida e, com esta pauta de respostas, responderá às escolhas sexuais adultas (amor-rejeição, ser rejeitado-rejeitar, amor-ódio, etc.). Com o surgimento da percepção télica (a capacidade de realisticamente perceber o outro), a partir dos seis meses, a criança escolhe seus vínculos. Aprende o prazer da presença e a dor da separação.

O desejo sexual é comparável a uma luz de alerta, que se acende independentemente do lugar, da circunstância ou da nossa vontade; é instintivo, apesar de permeado por valores culturais. Na adolescência, ele vai se definindo numa escolha sociométrica positiva do outro. Quando começa a namorar e a ficar, poderão surgir, nesta fase, a ansiedade e o desespero da separação (medo da rejeição). Quando não se é escolhido, surge a raiva - ódio e a tristeza - depressão e demais mecanismos de defesa, amortecedores da dor psicológica.

Nesta fase, este processo de separação da mãe em busca da identidade sexual é mais fácil para as mulheres. Segundo Winnicott (1975), "o feminino é, enquanto o masculino se faz". A maioria das dúvidas quanto à identidade sexual reside nos homens (o índice é consideravelmente maior de homens que buscam cirurgia para mudança de sexo, além de travestis e transexuais masculinos).

3) Eu Sexual Ideal: Nesta etapa, procura-se a identidade existencial, sexual e relacional. A criança sente que existe como indivíduo, separada da mãe. O bebê (Kohut, 1984) registra o "brilho" do olhar da mãe. Ele registra: -"Sou amado, sou belo" (sensação de grandiosidade e exibicionismo). Mas, quando este "brilho" não acontece (e registra o "Sou rejeitado"), ocorre uma ferida narcísica.

Nesta fase, vive-se a dualidade: ou a auto-estima / tolerância à frustração; ou distúrbios de identidade. O Tu será visto como ideal ou como um Tu frustrador. A auto-imagem se firma, ou se turva, de acordo com os influxos recebidos do outro. O "eu ideal" surge (imagem de que seria sempre amado e admirado), em contraposição ao "Eu real". O outro passa a ser discriminado ou confundido como um "Tu ideal", um "Tu frustrador", ou simplesmente, um "Tu" real.

Essas primeiras experiências infantis são revividas de maneira transformada no relacionamento amoroso do adolescente e adulto. O "brilho do olhar do outro" nos de-

ixa felizes e sedutores; sua ausência, nos deixa tristes e furiosos. Ao desejar ser visto sempre como “um bom amante” e “valorizado”, pode-se buscar, compulsivamente, no futuro, uma performance sexual inatingível. Por exemplo: um paciente apresenta um “Complexo de Don Juan” – ou o medo de casar novamente. Tem três ex-mulheres apaixonadas, ciumentas e possessivas, enlouquecidas por ele. Não se apaixonava por elas, mas sim, pelo “brilho do olhar louco” delas, por ele. Está preso a esta fase do “eu sexual ideal”.

4) Relações em Corredor: nesta fase, a criança faz relacionamentos exclusivistas e possessivos. Já tem uma identidade, distingue o outro, mas sente que este existe só para si. Sente-se única e central nos relacionamentos. As marcas dessa fase ressurgem nas relações amorosas futuras (no desejo de exclusividade, de posse). Por exemplo: as fantasias de encontrar uma relação semelhante à que teve com a mãe, para sempre. Ou que surja um parceiro ou parceira que supra o que lhe faltou.

Assim, a busca do parceiro-mãe (matriz), transferencial, consolida o fracasso de algo que já não pode mais ser obtido. Por exemplo: a paixão amorosa (que pode gerar os crimes passionais) é patológica e transferencial, não uma paixão tética, onde verdadeiramente se reconhece o outro como ele é.

5) Reconhecimento do Eu Sexual: refere-se ao período em que a criança se dá conta do próprio corpo, tornando consciência dos genitais, percebendo a diferença entre os sexos. Por exemplo: “sou menino” X “sou menina”. É a Fase do Espelho Sexual (da identidade de gênero, que é uma construção social). O percurso da formação da heterossexualidade pode ser resumido em três pontos básicos: 1) – “Eu sou eu, João”. 2) – “Eu sou eu, João, um menino”. 3) – “Eu sou eu, João, um menino, o que significa que gosto de fazer coisas de sexo com meninas”.

As brincadeiras homossexuais deste período demonstram o estado auto - centrado do conhecimento sexual e a masturbação também. Esta fase se manifesta em três etapas da vida: 1) na infância; 2) na puberdade (quando o corpo assume a conformação adulta); 3) na terceira idade (quando acontece uma nova e definitiva transformação da sexualidade).

6) Reconhecimento do Tu Sexual : esta fase acontece concomitantemente à fase anterior (“como eu sou, tem a ver com como os outros são”). Nesta fase promove-se o conhecimento sexual das pessoas do outro sexo. Por exemplo: brincadeiras da infância de médico, de casinha, marido x mulher, etc.

Na segunda erupção desta fase, na adolescência, aparece o interesse sexual definido e os jogos eróticos (o “ficar”, que já tratamos neste texto). Uma nova relação amorosa (o desconhecimento do Tu) sempre representa um grau de ansiedade, que se dilui com o tempo, ou quando se aprende a inverter papéis.

O homem deseja, teme e inveja a mulher e vice versa (ele inveja o seu poder de gestação, e ela, o seu pênis). Nesta fase, ocorre a primeira internalização do sexo oposto. No caso do menino, o padrão feminino é dado por meio da inter-relação com as mulheres da matriz de identidade (mãe, avós, tias, irmãs) e interfere na escolha futura de

parcerias. Segundo Jung, esta escolha tem a ver com a sua Anima (ou o seu lado feminino inconsciente).

Pode acontecer a busca compulsiva dos mesmos padrões ou o oposto deles. Escolhem-se parceiros, na verdade, segundo critérios inconscientes e conscientes, que passam pela matriz de identidade.

7) Pré - Inversão de Papéis ou desempenhar o papel do outro: esta fase abrange o terreno da fantasia, necessária, como um treinamento para as ações sexuais futuras. Este treinamento se faz pela: a) Fantasia-Imaginação: quando desempenha o papel dele e do outro. Por exemplo: quando o adolescente devaneia que transa com a atriz famosa, com a vizinha, etc.; b) Fantasia-Ação: quando a criança brinca de médico ou de casinha, e o adolescente brinca de ficar (neste caso, já há a participação lúdica do outro), etc.

8) Triangulação Sexual: nesta fase a criança escapa da simbiose com a mãe, precisa separar-se dela. O pai (o terceiro) é quem promove o corte e transforma a relação bipessoal em um trio. O pai passa a buscar o filho e vice versa, com o incentivo da mãe, para que ele possa receber a impregnação energética da masculinidade. A menina, por sua vez, desfunde-se da mistura materna e aprende a ser “outra mulher”.

Esta fase engendra as bases da “comparação x competição”. Há a disputa pelo amor do outro e a culpa por se odiar a quem se ama, com a internalização do “eu censor”. Surgem os ciúmes, a ansiedade de performance sexual e as preocupações com o tamanho do pênis, comuns na nossa cultura: na adolescência, cresce este aspecto comparativo - competitivo, por causa dos padrões de beleza da cultura, o que gera ansiedade, medo e insegurança. Exemplo do que pensa um adolescente: -”Eu preciso ser melhor do que ele, para que ela me prefira”. Os comentários dos garotos de auto-promoção machista, deixam revelar, nas entrelinhas: -”Olhem, sou melhor do que vocês!”. Mas, para si mesmos, o que sentem é: - “Não sou ainda o que gostaria de ser”...

9) Circularização Sexual: nesta fase, as conversas sobre sexo recebem a força e a cumplicidade do grupo de iguais (na infância e adolescência). No adulto, revela-se no contar piadas de sexo e fofocar sobre a vida sexual dos outros em grupos, no sexo grupal e nos filmes pornôis.

10) Inversão de Papéis Sexuais: representa a culminância do processo de desenvolvimento sexual e acontece quando o homem reconhece a mulher e esta reconhece ao homem. Representa a capacidade de se colocar nos dois pólos: no masculino e no feminino, no dar e no receber, apreendendo a sensibilidade do outro sexo (a androginia psicológica).

11) Encontro Sexual: é uma decorrência da inversão de papéis anterior e um fenômeno de experiência de pico, de culminância télica. Ou seja, a pessoa evoluiu ao ponto de já perceber o outro como ele realmente é, sendo esta experiência recíproca, mútua e transformadora para ambos. Este encontro sexual télico propicia uma espécie de estado alterado de consciência e é acionado pela transcendência de uma excitação sexual maior. Aproxima-se do êxtase místico, com ou sem um orgasmo anterior. A sexualidade passa

a ser um meio de atingir a verdade e a realização plena do Ser, como libertação interior. Em situações de clímax de prazer, momentaneamente a personalidade “desaparece”, há um re-contato com a essência. Há uma morte momentânea da identidade psicológica (se faz presente a dialética dos opostos: morte-vida). O clímax sexual (peak experience) faz parte das vivências grandiosas do ser humano. São vivências narcísicas saudáveis, se há fluência e harmonia, espontaneidade e criatividade (FONSECA FILHO, op.cit.).

Enfim, segundo Fonsêca (2000), para J. L. Moreno, criador do Psicodrama, no ato criativo o homem incorpora Deus. No encontro sexual criativo, no amor-sexo está-se na órbita do Eu-Tu e na busca do Tu eterno (Deus). O fascínio que a sexualidade exerce está ligado ao amor no sentido mais amplo. A união homem-mulher consolidou-se como um caminho para o Absoluto. Esse “re-encontro” aparece em todos os grandes mitos relacionais: no mito do Andrógino, em Orfeu e Eurídice, em Eros e Psyché, etc.

A teoria psicodramática também se refere ao estudo da sociometria dos vínculos. Existem tipos de pessoas que provocam desejo sexual (positivos), tipos neutros e tipos repulsivos. Por outro lado, esta escolha sociométrica pode ser altamente influenciada pela química, como a sexualidade animal. A atração recíproca dos pares sexuais constitui uma das principais forças motoras da vida (a energia de Eros).

Orientações sexuais

Quando o comportamento sexual foge a uma orientação considerada padrão, podemos encontrar comportamentos divergentes. A atração sexual por pessoas do mesmo sexo, que pode ser comum na adolescência, é o que denominamos de homo-erotismo, que pode ser mais definida na vida adulta. Portanto, esta atração na idade adulta deve ser distinguida da fase homossexual ou homo-erótica, a fase do Espelho infantil ou do Reconhecimento do Eu sexual, pela qual todos passam na adolescência.

O “padrão homossexual” recebe influências de fatores orgânicos, bioquímicos, sociais e genéticos, além dos fatores psicológicos e culturais. Do ponto de vista psicológico, o ser humano homossexual estabelece, em geral, mas não necessariamente, uma forte relação de identificação com a mãe, de caráter simbiótico (um anel de ligação transferencial com a mãe muito forte e estas com eles), como vimos na teoria psicanalítica. Consequentemente, uma hipótese é de que não separam adequadamente o Eu do Tu, permanecendo misturados com o feminino.

Outra hipótese é de que, geralmente, o homossexual não dispõe de um modelo masculino suficientemente atrativo para aprender a ser homem. A mãe, se guardar um ódio consciente ou inconsciente dos homens e do pai da criança, pode dificultar a comunicação dele com este. O conflito se agrava se o pai rejeita o filho ou é ausente, restando ao filho o território da feminilidade. Assim, pode permanecer um “vazio de homem” a ser preenchido durante a vida. O resultado deste processo também pode ser homens com

evidentes traços femininos, mas que não se tornam, necessariamente, homossexuais.

Na adolescência, em geral o indivíduo que tem uma inclinação sexual pelo próprio sexo sexualiza a admiração aos ídolos e aos homens mais velhos, onde busca neles a masculinidade perdida (na busca especular da imagem masculina idealizada). Este homo-erotismo no adolescente pode desenvolver ou não, no futuro, uma orientação homossexual na vida adulta. Se isto acontecer, o homossexual adulto pode buscar no companheiro a imagem perdida de si mesmo (é a busca narcísica da auto imagem perdida ou não realizada). Assim, se o “passivo” deseja receber um homem dentro de si, o “ativo” satisfaz-se sendo supostamente este homem, que seria “mais homem” do que o outro.

Com freqüência, segundo Fonsêca (2000), há uma dinâmica comparativa e competitiva entre os parceiros na prática homossexual. Observa-se uma gradação de ansiedade na busca da masculinidade do outro, que revela o grau de amor-inveja-ódio, envolvidos no processo.

O interesse de mulheres pelo homossexual pode revelar aspectos fóbicos neste, como o medo de ser engolido, sufocado e aniquilado pela mulher (medo da perda da identidade e retorno à fase do caótico-indiferenciada, da simbiose). Neste caso, ele usa de mecanismos de defesa para lidar com a ansiedade fóbica: a amizade, a frieza e a indiferença com as mulheres. No processo de formação da identidade homossexual, acontece, por exemplo: 1) - “Eu sou eu, João”. 2) - “Eu sou eu, João, um menino”. 3) - “Eu sou eu, João, um menino, que apesar de ser menino gosto de fazer coisas de sexo com meninos”.

Já no caso dos transexuais, que procuram a identidade feminina através de hormônios e cirurgias, observa-se: 1) - “Eu sou eu, João”. 2) - “Eu sou eu, João, um menino, mas gostaria de ser uma menina (Joana)”. 3) - “Eu sou eu, João, um menino, que apesar de ser menino, gostaria de ser menina e de fazer coisas de sexo com meninos”.

Enfim, apesar destas considerações, o homossexualismo (tanto o masculino quanto o feminino) ainda é um assunto polêmico, que não tem regras científicas determinadas. Na verdade, “cada caso é um caso”. 96 % dos homossexuais são de gênero masculino, que exercem um papel masculino, porém, com desejos e práticas homossexuais. Esses homossexuais não querem deixar de ser homens. Eles querem ser homens, só que desejam um outro homem.

Somente 4% dos homossexuais possuem transtornos de gênero. Ou seja, são homens que têm desejo de ser mulher. Eles se sentem como mulher, e se não se adaptam ou se aceitam internamente. Por causa disso podem ter transtornos psicológicos, se tornar mais agressivos ou apresentar traços depressivos. Outros, podem se tornar neuróticos, porque não dão conta de lidar com as pressões e preconceitos sociais, a realidade difícil que é ter um corpo masculino e o sentimento de “ser mulher”.

Mas, a condição homossexual ou trans-sexual, por si só, não implica em comportamento neurótico ou anormal. No entanto, por enfrentarem muito preconceito social e a homofobia social, muitos deles podem desenvolver dificuldades de enfrentamento social e de auto-aceitação.

Os casos de transtornos de gênero (travestis e transexuais), no entanto, são mais especiais ainda. Se uma pessoa com transtorno de gênero fizer uma cirurgia para trocar de sexo, não quer dizer que vai fazer uma escolha heterossexual, poderá ser também uma opção homossexual. Por outro lado, uma grande parte dos homossexuais não-assumidos se casam e têm filhos. Esses homens buscam travestis (que é o estereótipo de mulher), mas na hora da relação sexual eles fazem o papel passivo. Eles têm práticas heterossexuais, só que têm desejos homossexuais. Muitos deles, ainda, são machões e odeiam gays, jamais assumem a sua homossexualidade ou sequer tomam consciência dela, mas podem apresentar a homofobia: medo do homossexualismo. Portanto, são inúmeras as variações da orientação sexual.

Muitas mudanças sócio-históricas marcam as manifestações da sexualidade, hoje, no que diz respeito a categorias identitárias. Em meados do século passado, numa tentativa de retirar do domínio jurídico certas manifestações da sexualidade ditas “perversas”, e transferi-las para a ordem médica (a fim de que fossem “tratadas” como doenças), os sujeitos passaram a ser identificados por suas práticas sexuais.

Por exemplo, no século passado, era considerado sodomita aquele que praticava atos jurídicos proibidos; a partir da segunda metade do século XIX, temos o termo homossexual, que é “transformado” em um personagem, do qual se tenta precisar um passado, uma história e uma infância, etc. O homossexual transforma-se numa espécie, neste momento histórico. Já no século 20, os comportamentos sexuais são transformados em identidades sexuais. Neste início de século 21 observamos algumas mudanças. Mas, estas devem ser entendidas muito mais no campo da globalização, das “demandas” do capitalismo, do que em verdadeiras mudanças de posições e preconceitos. Ou seja, quando uma determinada classe social passa a representar um potencial de consumo, quando detêm o poder, passa a ser “aceita” (CHAUI, 1985).

Cada sujeito, então, faz sua criação particular, constrói a sua orientação sexual particular. Mas, não devemos reduzir o sujeito à sua prática sexual. No entanto, cada sujeito tem que lidar, a partir de seu nascimento, com a particularidade do contexto sócio-familiar que é único para cada um. Esses são os elementos dados a cada um de nós para nos constituirmos como sujeitos. Nessa perspectiva, se não nos tornamos psicóticos, se “sobrevivemos” psiquicamente, cada forma de sexualidade que cada ser humano apresenta - por mais que, aparentemente esta sexualidade se encaixe, ou não, na “norma” ditada pelos costumes da sociedade na qual ele está inserido - é uma criação única.

Na contemporaneidade, é difícil avaliar quais tabus foram realmente derrubados, se sexualidade e orientação sexual ainda são assuntos de difícil abordagem nas discussões entre pais e filhos. O grande problema é que, se as práticas sexuais hoje estão bem mais “liberadas”, a sexualidade continua sendo um eterno problema. Basta ver a ineficácia das campanhas do uso do preservativo e da gravidez na adolescência, pois a informação objetiva pouco altera os aspectos afetivos do problema, ou seja, este ainda continua.

A sexualidade deve ser entendida no sentido amplo, ou seja, não apenas a sexualidade genital, pois já vimos ao longo deste texto que a sexualidade inclui tudo que dá prazer: o toque, comer, dormir, as necessidades fisiológicas, etc. A partir da primeira metade do século 20, e mais tarde, graças aos movimentos feministas, os papéis sociais, que são culturalmente determinados sem nenhuma âncora na realidade anátomo-fisiológica, têm sido reavaliados. Por exemplo, com o advento da tecnologia genética, a mulher pode engravidar sem a participação do homem, uma vez que já existe o “bebê de proveta”.

Freud escreveu que, do ponto de vista da Psicanálise, o interesse sexual exclusivo por homens ou por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo. De fato, na origem, somos todos bissexuais. Nascermos potencialmente bissexuais. No começo, no período da constituição do psiquismo, nos identificamos com as referências simbólicas do masculino e do feminino. E este desenvolvimento vai receber a influência do ambiente sócio-cultural em que vivemos.

Sexualidade e questões de gênero

É muito diferente a educação sexual dada aos meninos e às meninas, na sociedade que vivemos, afetando o desenvolvimento sexual de ambos. Nossa cultura valoriza e estimula o homem a ser sexualmente ativo e que inicie sua sexualidade mais cedo. Os pais ficam satisfeitos ao saberem que o filho paquera as meninas na escola e, reforçado positivamente, o menino vai aprendendo que é assim que tem de ser. Outras mensagens são passadas para fortalecer o filho na sua masculinidade, tais como: “filho meu não leva desaforo para casa”; “homem não chora”, etc.

É mais aceito que os meninos se masturbem e sejam eróticos, ao contrário as meninas. É muito freqüente a brincadeira, quando adolescente, de competições para ver quem ejacula mais rápido. Podemos então perceber, que desde cedo, os meninos são estimulados a desenvolverem sua sexualidade, muitas vezes com uma exacerbação nessa estimulação, esquecendo-se de valorizar os aspectos afetivos da sexualidade.

E às meninas é culturalmente reservada a inibição da sexualidade. Elas precisam se conter, não demonstrar seu desejo, resistir, se preservar para o futuro marido. O valor que é passado é o de que, somente assim, elas serão valorizadas e amadas.

Assim, é difícil para as mulheres um bom desempenho sexual, pois a repressão gera insegurança, medo de não satisfazer o seu parceiro, dificuldade de expressar o que sentem. Assim, vemos que o desejo sexual se encontra ligado ao papel sócio-sexual, e que tais papéis são aprendidos desde que nascemos, na cultura em que vivemos. Apesar dos conceitos sociais mudarem, o preconceito sexual diferencia a sexualidade entre os gêneros: o masculino pode ter muitas aventuras, enquanto a mulher, pelo mesmo comportamento, receberia socialmente um adjetivo depreciador e poderia ser punida socialmente.

As noções de “masculino” e de “feminino”, assim como as relações que tais noções mantêm entre si, têm sido repensadas na atualidade e muitas pesquisas sobre diferenças de gênero têm sido geradas. Uma das conseqüências disto é que os papéis “classicamente” masculinos e femininos não se sustentam mais. A Antropologia nos informa que a masculinidade, assim como a feminilidade, longe de serem realidades objetivas e muito menos fenômenos naturais calcados em elementos anátomo-biológicos são, antes, noções dependentes das formas culturais dentro das quais tais noções emergem.

Os rituais para tornar-se homem não encontram equivalentes para o tornar-se mulher. A masculinidade é construída num espaço social e político. Assim, as mudanças nessas referências têm provocado aqui o que se chama “crise da masculinidade”. Sabe-se, por exemplo, que um número elevado de homens não suporta a vida após a separação conjugal e desenvolvem sintomas, inclusive problemas psicossomáticos.

Quanto às mulheres, embora ainda existam aquelas que esperam o “príncipe encantado”, os movimentos feministas trouxeram conquistas que, por outro lado, impuseram deveres. De maneira geral, a mulher tem disputado mais o mercado de trabalho. No capitalismo, é a produção que conta, e não o sexo de quem controla a produção. Entretanto, nas camadas menos favorecidas, na maioria das culturas, as mulheres pouco mudaram suas posições, apesar de aumentarem a sua carga de trabalho.

Por outro lado, para homens e mulheres, a atual excessiva liberdade erótica pode trazer, como conseqüência, o excesso de estimulação erótica, ou seja, o sujeito poderá ter o tédio da sexualidade, provocado pelo excesso de consumo do erotismo - e isto indica que a sexualidade foi banalizada. No entanto, tal atitude pouco afetou o “enigma” ou o mistério da sexualidade. E hoje, observa-se um grande erotismo, ou pornografia, que, no fundo, serve para evitar relacionamentos mais profundos, ou o desenvolvimento da afetividade.

O combate à homofobia no Estado de Sergipe

Convém ao educador informar seus alunos sobre as instituições que combatem a homofobia no seu Estado. A implantação do Centro de Combate à Homofobia (CCH) em Aracaju/SE está diretamente relacionada ao programa “Brasil sem Homofobia”, lançado em 2004, de uma parceria entre o Governo Federal e a sociedade civil, organizado junto à Secretaria Especial de Direitos Humanos. O programa prevê uma série de ações nas áreas da saúde, segurança pública, assistência social, trabalho, educação e cidadania. Tem como objetivo promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais.

O Programa “Brasil sem homofobia” possui como princípios: a inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de

gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais, nas políticas públicas e estratégias do governo federal, a serem implantadas (parcial ou integralmente) por seus diferentes ministérios e secretarias. Tem por princípio a produção de conhecimento para subsidiar a elaboração, implantação e avaliação das políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual, garantindo que o governo federal brasileiro inclua o recorte de orientação sexual e o segmento LGBT em pesquisas nacionais, a serem realizadas por instâncias governamentais da administração pública direta e indireta.

O LGGH reafirma que a defesa, a garantia e a promoção dos direitos humanos incluem o combate a todas as formas de discriminação e de violência e que, portanto, o combate à homofobia e a promoção dos direitos humanos de homossexuais é um compromisso do Estado e de toda a sociedade brasileira. O referido programa é constituído de diferentes ações voltadas para:

- Apoiar projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais, que atuam na promoção da cidadania homossexual e/ou no combate à homofobia; capacitação de profissionais e representantes do movimento homossexual, que atuam na defesa de direitos humanos.
- Fornecer informações sobre direitos de promoção da auto-estima homossexual; Incentivo à denúncia de violações dos Direitos Humanos do segmento LGBT;
- Estabelecer e implantar estratégias de sensibilização dos operadores de direito, assessorias legislativas e gestores de políticas públicas sobre os direitos dos homossexuais;
- Apoiar o reconhecimento, por parte dos governos, dos órgãos públicos e de toda sociedade, de que a discriminação em razão da orientação sexual caracteriza violação dos direitos fundamentais e de liberdade, assegurados pela Constituição Federal;
- Estimular o desenvolvimento e o apoio da implementação de políticas públicas de capacitação e de qualificação de policiais para o acolhimento, o atendimento e a investigação em caráter não-discriminatório;
- Apoiar a criação de Centros de Referência contra a discriminação na estrutura das Secretarias de Segurança Pública, objetivando o acolhimento, orientação, apoio, encaminhamento e apuração de denúncias e de crimes contra homossexuais.

O Governo do Estado de Sergipe, visando melhorar a vida dos cidadãos e, conseqüentemente, o combater qualquer forma de discriminação, tem desenvolvido diversas atividades nesse sentido por meio da Secretaria de Estado da Segurança Pública, que além de possuir a missão constitucional de zelar pela segurança da sociedade e promover o exercício da cidadania, possui também um propósito que é assegurar os direitos e garantias individuais, sobretudo daqueles considerados como “grupos vulneráveis”. Em face de sua fragilidade, estes grupos são atingidos diretamente pelo preconceito de uma sociedade que não aceita as diferenças e as condições individuais. Isso fica evidente por ser um dos poucos Estados que possuem, em sua estrutura organizacional, delegacias especializadas.

Visando coibir e prevenir a discriminação à população LGBT, o Centro de Referência (unidade pública estatal), tem executado ações no sentido de implementar políticas de capacitação e qualificação dos técnicos que estão a frente do órgão, de incrementar atividades já desenvolvidas pelo Centro. Inclusive com ações na linha da prevenção contra a discriminação à população LGBT, pela integração do Centro com os demais órgãos e segmentos da sociedade, através da realização de fóruns de discussão, palestras, capacitações, simpósios e seminários.

O Centro de Combate à Homofobia (CCH), é um espaço de cidadania habilitado a fornecer orientações gerais sobre direitos humanos a todas as vítimas de violações, informando sobre as garantias legais e encaminhando para os serviços especializados de atendimento a cada caso específico. Sendo assim, fornecendo orientação jurídica, psicológica e social, às vítimas de discriminação e violência homofóbica, por meio de equipe multidisciplinar. O Centro de Referência funciona, fundamentalmente, com os seguintes serviços: Assessoria Jurídica, Psicológica e Social.

O CCH também é um espaço para estudos e pesquisas, é um espaço aberto para estudantes que estejam realizando análises, ou desejam conhecer melhor o tema da homossexualidade, encontrando suporte e incentivo a essa prática de pesquisa. Implantou-se o “Balcão de Direitos”, que vem sendo desenvolvido pela Associação de Travestis Unidas pela Cidadania e conta com a parceria do referido Centro de Referência e de outras instituições, com o objetivo de defender os direitos humanos de pessoas vivendo com HIV/AIDS e população LGBT.

Considerações finais

Vimos neste texto algumas interpretações psicológicas sobre sexualidade e orientação sexual, o que absolutamente não esgota este assunto. Sabemos que o ser humano saudável apresenta uma evidente atração pelo sexo. Um dos primeiros sintomas de uma disfunção física ou psicológica é a perda dessa atração, ou um interesse exacerbado pelo sexo. O moralismo, a reclusão e a repressão são formas negativas de lidar com a sexualidade; as formas positivas deverão estar sob a égide da “fluência” e do equilíbrio. Quanto mais emocionalmente rica é uma pessoa, mais elevada será a sua compreensão do sexo e do que está ligado a ele: a estética, o erotismo, a sensualidade e a arte. Ajudar o aluno a compreender e aceitar as diferentes formas de amar e as diferentes formas de orientação sexual é um papel fundamental do professor.

A energia sexual ou libido é uma força tão ampla, que pode ser sublimada para a arte (segundo Freud), ou para a evolução espiritual. Na sexualidade considerada saudável ou “normótica”, a pessoa se sente revigorada, aberta ao jogo sexual lúdico e fluente. Segundo Gaiarsa (1985), “a realização sexual existe quando se pode ter relações sexuais: quando se tem vontade, com quem se tem vontade e do modo que for melhor para os parceiros envolvidos”.

Na relação sexual entram em jogo reminiscências narcísicas inconscientes, mas principalmente, fatores sociais, históricos e culturais determinantes. Mas, entra em jogo o nosso potencial espontâneo criador, nossa capacidade de crescimento enquanto um “ser em relação”. Enfim, a sexualidade é uma expressão essencial da vida, que deve estar incluída em qualquer educação que tenha por objetivo preparar não apenas para a aquisição de conteúdos, mas promover o conhecimento e a preparação para a vida.

Referências

- CHAUÏ, Marilena. Repressão sexual, essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GAIARSA, J. Angelo. Sexo, Reich e eu. São Paulo, Ágora, 1985.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- FREUD, Sigmund. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- FONSECA FILHO, José de S. Psicoterapia da relação - elementos de psicodrama contemporâneo. São Paulo: Ágora, 2000.
- LINS, Regina N. A cama na varanda – arejando as idéias sobre amor e sexo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MORENO, J. L. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus, 1983.
- MORENO, J. L. Psicodrama. 9ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- PIKUNAS, J. Desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw Hill, 1980.
- WINNICOTT, D. W. A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.